

POLIFONIA	GUIABÁ	EdUFMT	V. 13	p. 93-115	2007	ISSN 0104-687X
-----------	--------	--------	-------	-----------	------	----------------

**LINGUAGEM E INCONSCIENTE EM FREUD:
REPRESENTAÇÕES DE PALAVRAS E
REPRESENTAÇÕES DE COISAS¹**

Michel Arrivé*
Isabel Vilela**

RESUMO: O estudo perscruta as relações entre linguagem e inconsciente em Freud. Em vista da complexidade que envolve o tema, optamos por focalizá-lo correlativamente às “representações de coisas” e “representações de palavras”, percorrendo algumas obras de Freud, tomadas numa perspectiva cronológica. Identificamos três etapas na reflexão freudiana: a primeira prenuncia a reflexão sobre o inconsciente na obra sobre a afasia (1891); a segunda examina o estatuto da palavra no interior de três obras: “A interpretação dos sonhos” (1900), “A psicopatologia da vida cotidiana” (1901) e “Os chistes e sua relação com o inconsciente” (1905); a terceira se concentra na distinção das “representações de palavras” e das “representações de coisas” como fundamento da distinção do (pré)consciente e do inconsciente na “Metapsicologia” e, especificamente, no artigo “O inconsciente” (1915b).

PALAVRAS-CHAVE: linguagem, inconsciente, Freud

¹ Agradecemos vivamente aos autores pela autorização da tradução e publicação deste texto. Tradução de Roberto Leiser Baronas e Nilton Milanez.

* Professor pesquisador na Universidade de Paris X, Nanterre, França.

** Doutoranda na Universidade de Nanterre e bolsista do CNPq.

**LANGUAGE AND THE UNCONSCIOUS IN FREUD:
REPRESENTATIONS OF WORDS AND
REPRESENTATIONS OF THINGS**

ABSTRACT: This study scrutinizes the relations between language and the unconscious in Freud. In view of the complexity that involves the theme, we opt for focusing on it in regard to the “representations of things” and “representations of words” by exploring some of Freud’s works under a chronological perspective. We identified three stages in the Freudian thought. The first one pre-announces the thinking about the unconscious in his work on aphasia (1891). The second examines the statute of the word in three works: “The Interpretation of Dreams” (1900), “The Psychopathology of Everyday Life” (1901) and “Jokes and their Relation to the Unconscious” (1905). The last one concentrates on the distinction between the “representations of things” and “representations of words” as a basis of distinction between the (pre)conscious and the unconscious in “Metapsychology”, and specifically in the article “The unconscious” (1915b).

KEYWORDS: language, unconscious, Freud

A visada desse texto é de extrema – e sem dúvida excessiva – ambição. O problema que procura colocar – aquele das relações entre linguagem e inconsciente na reflexão de Freud – é de uma intensa dificuldade, por razões que saltam aos olhos de todo leitor. Elas deram lugar a tantos comentários e polêmicas que não valeria a pena explicitá-los. Quanto à maneira de abordá-la aqui – o estudo das relações entre “representações de coisas” e “representações de palavras” – é, à primeira vista, um pouco menos desconfortável. Isto é, sem dúvida, somente aparência: essa distinção que percorre toda a reflexão de Freud, de 1891 a 1938, é bastante delicada. Não nos surpreenderemos com isso: ela busca certamente colocar de maneira localizada o problema das relações entre linguagem e inconsciente.

Para evitar conversões mal controladas, escolhemos trabalhar da maneira mais modesta possível: sobre o modo histórico, precisamente cronológico, mesmo que essa apresentação corra o risco de levar a certas dificuldades de compreensão do ponto de vista teórico. Nossa exposição se encontrará, portanto, dividida entre três seções, que corresponderão a várias etapas da reflexão de Freud:

1. Primeira etapa. A gênese da reflexão de Freud na obra de 1891 sobre as afasias.

2. Segunda etapa. Um breve olhar sobre o estatuto da palavra no interior de três grandes obras dos anos 1900: “A interpretação dos sonhos” (1900-1967), “A psicopatologia da vida cotidiana” (1901-1922) e “Os chistes e sua relação com o inconsciente” (1905-1988). Breve olhar, dissemos: é que esse problema mereceria uma discussão somente sobre ele em um longo artigo. Apenas iniciamos esse trabalho.

3. Terceira etapa. A distinção das representações de palavras e das representações de coisas como fundamento da distinção do (pré)consciente e do inconsciente na “Metapsicologia” e, especificamente, no artigo “O inconsciente” (1915b-1988).

Em uma quarta etapa será colocado o problema da leitura feita por Lacan a respeito da distinção freudiana e da função que lhe afeta na oposição do (pré)consciente. Iremos, apenas aparentemente, nos distanciar da reflexão de Freud: as perplexidades são altamente pertinentes no que concerne ao postulado do “inconsciente estruturado como linguagem” e a seu eventual enraizamento freudiano. Notaremos, nesse momento, que o problema continuará sendo – ainda depois de meio século – de uma atualidade incandescente. Pelo menos três publicações recentes retomam essa questão de maneira diversamente polêmica em relação à Lacan (GREEN, 2002a, 2002b; COSTE, 2002). Entretanto, o último texto é de tal virulência e incompreensão, tanto em relação a Lacan quanto a vários outros psicanalistas (notadamente Pichon), que não valeria a pena discuti-lo.

1. A gênese da distinção na obra sobre as afasias (1891-1983)

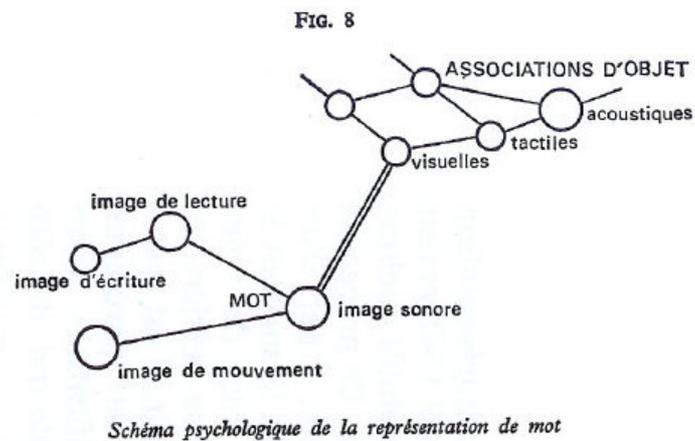
Estamos em 1891. Freud tem ainda somente trinta e cinco anos. Ele é, então, segundo suas próprias palavras, “autor de trabalhos sobre histologia e anatomia do cérebro”². A obra que ele publica em 1891 busca descrever “o aparelho da linguagem” no quadro de uma crítica da teoria, então dominante, da localização das funções físicas – da qual ele retém, entretanto, como veremos abaixo, certos resultados. O que é particularmente interessante é a vontade mostrada pelo jovem médico de “separar tanto quanto possível o ponto de vista psicológico do ponto de vista anatômico” (1891, p.122). É, na verdade, nesse ponto de sua reflexão que aparece a noção de “representação de palavra”³. A colocação de Freud mostra que, para ele, a “palavra” é, por definição, uma representação – de maneira que não nos surpreenderemos, em seguida, de ver utilizadas de maneira freqüentemente indiferente as duas designações “palavra” (WORT) e “representação de palavra” (Wortvorstellung)⁴. «Para a psicologia, a ‘palavra’ é a unidade de base da função da linguagem, que parece ser uma representação complexa, composta de elementos acústicos, visuais e quinestésicos” (FREUD, 1891, p. 123). Segue-se uma análise da aprendizagem da linguagem, sob todos seus

² Essa citação foi extraída da « Nota autobiográfica » que Freud redigiu em 1899 (1899-1989, p. 279).

³ Assinalamos que dentre os historiadores da psicanálise apenas um pequeno número deles insiste sobre essa origem antiqüíssima da noção de Freud. Quando eles o fazem, é freqüentemente de uma maneira muito discreta: Laplanche e Pontalis (1971) assinalam o fato, de maneira anedótica, em duas linhas. Roudinesco e Plon (1977) observam, salvo esquecimento, um silêncio absoluto. Uma única exceção, mas monumental: o enorme livro de Jacques Nassif, *freud l'inconscient* (1977), *sic*, sem pontuação nem letra maiúscula em *freud* nem em *inconsciente*. Uma das análises mais pertinentes de *Auffassung* se encontra em Kristeva, 1996.

⁴ É de extrema relevância observar que *Vorstellung* não se confunde de modo algum com representação: a palavra alemã é mais concreta e não comporta o elemento de sentido repetitivo que está no prefixo francês *re-*. Quanto à *Wort*, Lacan notará justamente que ela não comporta exatamente os mesmos traços que seu “equivalente” francês *mot*. Em alemão, *das Wort* é, ao mesmo tempo, a palavra e a fala (1986, p. 68).

aspectos – inclusive a aprendizagem da leitura e da escrita. É essa exploração que permite, finalmente, a Freud criar o “esquema psicológico da representação de palavra”:



A análise se conclui da seguinte maneira:

A palavra é, portanto, uma representação complexa, composta das imagens mencionadas ou, dito de outra maneira, à palavra corresponde um processo associativo complicado no qual os elementos enumerados de origem visual, acústica e quinestésica entram em relação uns com os outros (*ibid.*, p. 127).

É nesse ponto que aparece a noção de “significação”: trata-se precisamente da “ligação da palavra com a ‘representação do objeto’”, que se encontra, por sua vez, definida da seguinte maneira:

A representação do próprio objeto é, ao contrário, [em oposição à representação de palavra, MA e IV] um complexo associativo constituído das relações mais heterogêneas, visuais, acústicas, táteis, quinestésicas e outras (*ibidem*).

É sobre essa concepção de relação entre representação de palavra e representação de coisa que se funde a tipologia freudiana dos problemas de linguagem. De maneira plenamente coerente com sua análise, ele chega, finalmente, a distinguir três “classes de problemas de linguagem”: a afasia de “primeira ordem, afasia verbal, que toca a associação entre diferentes elementos das representações de palavras”; a afasia de segunda ordem, dita “afasia assimbólica, na qual a associação entre a representação de palavra e a representação de objeto é perturbada”; enfim, as “afasias de terceira ordem”, que afetam “o reconhecimento dos objetos” (*ibid.*, p.128-129). A mais importante inovação conceitual e terminológica de Freud consiste em deslocar a noção de assimbolia das afasias de terceira ordem – extraordinariamente qualificadas antes dele de “assimbólicas”: elas afetam, na verdade, apenas as representações de coisas, sem tocar as representações de palavras – em relação às afasias de segunda ordem, que atingem efetivamente as relações entre representações de palavras e representações de coisas, isto é, precisamente as relações simbólicas.

Podemos considerar os seguintes traços nessa análise freudiana da relação entre palavras e coisas:

1. Para a representação de palavra, pode-se colocar, em primeiro plano, que Freud se ocupa do que, desde Saussure (1916-1972), designamos de “significante”. Notamos, no esquema, a noção de “imagem sonora”, que evoca bastante precisamente aquela da “imagem acústica” que, aproximadamente na mesma época, aparece nas reflexões de Saussure. Mas a diferença de Saussure se acentua muito rapidamente: a “imagem sonora” não é para Freud o único elemento constitutivo da representação de palavra. Há, também, as “imagens visuais”, que se dividem, por sua vez, em “imagens de leitura” e “imagens de escrita”. Enfim, há a “imagens de movimento”, imagem dos movimentos corporais

(essencialmente, sem dúvida, aqueles dos órgãos da fonação) que são necessários à produção da palavra. É a pluralidade dessas imagens que torna possível perturbações entre elas para além das afasias verbais.

Uma observação entre parênteses: Freud, um letrado exclusivo, não parece de maneira alguma ter colocado a questão do estatuto da “representação de palavra” para os sujeitos que praticam exclusivamente uma língua não escrita. Talvez essa seja a razão pela qual se passe muito rapidamente pelo problema da língua oral, ao evocar o caso dos *dialectophones* (*ibid.*, p.124). Mas os sujeitos sobre os quais ele pensa dispõem da escritura para a língua literária vizinha do dialeto que eles praticam alhures, de maneira que, finalmente, a própria possibilidade de uma palavra desprovida de imagem visual parece-lhe totalmente estranha.

O conjunto dessa concepção da representação de palavra é ao mesmo tempo substancial e sintético. Dessa maneira, opõe-se quase totalmente à concepção saussureana, em detrimento do aparente parentesco terminológico assinalado mais acima.

2. A representação de coisa. Não é muito simples determinar se Freud pensa, em termos lingüísticos contemporâneos, em um referente ou em um significado. Parece, entretanto, que estamos mais próximos de um referente perceptivamente mais compreendido que conceptualizado: não é por acaso que ele limita “seu estudo aos substantivos” (*ibid.*, p. 127). Isso explicaria porque a representação de coisa é apresentada como “aberta”, isto é, suscetível a dar lugar a novas abordagens perceptivas, em oposição à representação de palavra, que é dada como “fechada”.

Onde está o inconsciente nessa reflexão sobre o aparelho de linguagem? Aparentemente, em lugar algum. Encontramos, certamente, na obra várias ocorrências do adjetivo *inconsciente*, mas ele é tomado de maneira “descritiva”, como Freud dirá mais tarde. No entanto, encontramos em um ponto da reflexão uma passagem na qual parece se desenhar, em relevo, algo de não enunciado que ficamos tentados a interpretar como uma prefiguração do inconsciente. No momento em que começa a estudar o problema misterioso das relações entre a “representação” física – não é especificado aqui se se trata da

representação de palavra ou de coisa – e seu “correlato psicológico”, a modificação da célula nervosa, Freud aborda a dificuldade da seguinte maneira:

Qual é o correlato fisiológico da representação simples ou o que reaparece para ela mesma? Visivelmente nada que esteja em repouso, mas algo que tenha a natureza de um processo. Esse processo não é incompatível com a localização. Ele parte de um lugar particular do córtex e se estende sobre todo o resto do córtex cerebral, ou ainda ao longo das vias particulares. Logo que ele segue seu curso, ele deixa atrás dele uma modificação, a possibilidade da lembrança. Duvida-se, efetivamente, que algo de físico corresponda paralelamente a essa modificação. Nossa consciência não apresenta nada de semelhante que, do lado físico, justificaria o nome de “imagem mnésica latente”. Entretanto, tão freqüentemente quanto for estimulado o mesmo estado do córtex, renascerá o psíquico sob a forma de uma imagem mnésica (*ibid.*, p. 106).

É preciso, para compreender bem a dificuldade que esse texto coloca, aproximar duas frases. De um lado, a proposição negativa, que exclui da consciência toda possibilidade de “imagem mnésica latente”. E, de outro lado, a asserção positiva, que faz renascer o psíquico sob a forma de uma “imagem mnésica”: o lugar de renascimento dessa imagem não é o inconsciente, mesmo que ele não seja especificamente nomeado? E vemos que, assim compreendido, o texto prefigura a maneira pela qual serão descritas, com uma precisão absoluta, vinte quatro anos mais tarde, as relações entre “memória consciente” e “traços mnésicos”: “A memória consciente, ela também, parece resultar totalmente do *Pcs*⁵ ; ela deve estar estritamente separada dos traços mnésicos

⁵ Como acontece freqüentemente na *Metapsicologia*, Freud nesse ponto hesitou, de uma edição a outra, entre *Pcs* e *Cs*. Aqui não é o lugar para se estudar o sentido dessas hesitações.

Nota dos tradutores: as siglas *Cs*, *Pcs* e *Ics* abreviam os termos Consciente, Pré-consciente e Inconsciente, respectivamente.

nos quais se fixam as experiências vividas do Ics” (1915 b-1988, p. 227).

2. O estatuto da palavra nas três grandes obras dos anos 1900

Iremos nos limitar a algumas observações cursivas: para tratar corretamente o problema, seria preciso fazer um exame exaustivo – evidentemente em desproporção com os limites de um artigo – de todas as análises que consideram as palavras na “Interpretação dos sonhos” (1900-1967), “A Psicopatologia da vida cotidiana” (1901-1922) e “O chiste e sua relação com o inconsciente” (1905-1988). Como havíamos indicado acima, esse trabalho está em andamento.

Primeira observação: segundo toda aparência, a noção de “representação de palavra” não é muito freqüentemente citada nos três textos evocados. Seria preciso, ainda, que eles passassem por um exame exaustivo. Se essa observação se mostrasse inteiramente pertinente, ela acolheria a observação já feita mais acima: a palavra, o *Wort*, é sempre, para Freud, uma representação de palavra, uma *Wortvorstellung*.

Segunda observação: nas produções do inconsciente estudadas nessas três obras, as palavras são tratadas como coisas. Freud é fortemente repetitivo sobre este ponto, e ele o será ainda mais nos textos que serão examinados mais tarde na terceira parte. Citemos duas passagens da “Interpretação dos sonhos”: a primeira compara o tipo das palavras no sonho com aquele pela qual as palavras passam em certas (psico)neuroses, focalizando-se a atitude das crianças em relação às palavras:

As formações de palavras no sonho se assemelham muito às formações de palavras na paranóia; encontram-se, entretanto, análogos na histeria e nas obsessões. As crianças tratam, às vezes, as palavras como objetos (1988, p. 262).

A segunda passagem faz aparecer indiretamente – entendamos pela via das representações dos objetos – a equivalência referencial entre palavra e representação de palavra :

O processo de condensação é particularmente sensível quando ele atinge palavras e nomes. As palavras no sonho são freqüentemente tratadas como coisas, elas estão sujeitas às mesmas composições que as representações de objetos. Esses tipos de sonhos chegam à criação de palavras cômicas e estranhas (*ibid.*, p. 257; 1917-1988, p. 251).

Mas a que se refere precisamente esse tratamento das palavras como coisas? Freud entende precisamente sobre isso que as palavras estão submetidas a operações do processo primário, aquelas que são próprias ao inconsciente e, notadamente, a duas operações fundamentais que são a “condensação” (*Verdichtung*) e o “deslocamento” (*Verschiebung*). No fim da “Interpretação dos sonhos”, no capítulo VII, consagrado à “A psicologia dos processos oníricos”, Freud toma precisamente um sonho de palavras, o célebre sonho AUTODIDASKER, para ilustrar essa submissão ao processo primário:

A análise e, mais claramente ainda, a síntese dos sonhos que não apresentam regressão em imagens, por exemplo, o sonho AUTODIDASKER, mostram a existência dos mesmos procedimentos de deslocamento e de condensação (1900-1967, p. 507-508; 1917-1988, p. 252).

Restar-nos-ia, se tivéssemos tempo, examinar em detalhes as modalidades de aplicação às palavras dos dois processos. Contentar-nos-emos aqui em retomar os textos, sobretudo, a respeito de “A interpretação”, a ilustre

AUTODIDASKER⁶ e no que se refere à “Psicopatologia”, o não menos ilustre SIGMORELLI⁷ – sobre a análise que abre a obra. Citemos, entretanto, algumas palavras dessa descrição: “Os nomes parecem ter sido tratados nesse processo como palavras de uma proposição que se transforma em charadas” (1988, p. 5). A charada – objeto freqüente da reflexão freudiana, por exemplo em “A interpretação” (1988, p. 241-242 ou 352-353 e seguintes) – consiste, como a própria etimologia do termo lembra, em transformar os elementos da palavra em coisas. Será a esse tipo de tratamento que dará lugar o nome *Signorelli*.

A respeito do *Chiste*, somos tentados a nos referir ainda ao talvez mais ilustre “familiônario”, objeto também de toda atenção de Lacan: é sobre a análise literal desse exemplo que se lança o Seminário V (1998) sobre “As formações do inconsciente”. Mas, naturalmente, não seria preciso negligenciar os exemplos menos espetaculares, aqueles que nascem dos chistes, por exemplo, o jogo de palavras franco-inglês *home-roulard* (“*gâteau roulé*”)/*home-rule* (1988, p. 227): a análise de Freud mostra bem o que ele entende pelo “tratamento das palavras como coisas”.

É nesse ponto que se coloca uma importante questão: assim tratadas como coisas, essas palavras continuam sendo palavras? Tudo depende naturalmente do sentido que se confere à palavra “palavra” – ou mais precisamente à palavra *Wort*, que foi discutida mais acima, com Lacan, por não se confundir de maneira alguma com seu “equivalente” francês, *mot*. Em todo caso, evidentemente, se impõem palavras estranhas que não são signos no sentido lingüístico – isto é, saussureano – da palavra. Dentre nós, Michel Arrivé (2003) explicou longamente sobre esse ponto em seu artigo “«Qu'en est-il de l'autonymie chez Freud?»”. Nesse texto, ele simplesmente lembra que essas “palavras” que

⁶ Lembremos, contudo, que essa «palavra» apenas constitui o primeiro dos dois elementos do sonho reportado por Freud: «o segundo reproduz um fantasma sem grande importância [MA et IV] que me veio ao espírito poucos dias antes» (1900-1967, p. 259). Não caberia melhor ilustração da equivalência estabelecida entre *representações de palavras e representações de coisas*.

⁷ Lembremos, sem dúvida, que as duas formações AUTODIDASKER e SIGMORELLI dão lugar, da parte de Lacan, a análises paralelas no Seminário III, 1981, p. 269-271.

sofreram as operações do processo primário delas saem desprovidas de significado e de significante, a menos naturalmente que se desvie totalmente o sentido desses dois termos. Assim, as manipulações substanciais, que dão lugar ao material fônico de AUTODIDASKER (entre os quais o anagrama⁸), e as associações múltiplas e pluridirecionais, que dão lugar às aparências de seu conteúdo, desconstroem totalmente todo conceito lingüístico. Os objetos languageiros – e especificamente saussureanos – sobre os quais podemos pensar são aqueles que dão lugar às manipulações anagramáticas (STAROBINSKI, 1971; GANDON, 2002). Sabemos que eles têm pouca relação com os conceitos evidenciados no “Curso de Lingüística Geral”.

Resta uma última questão: essas “palavras” das formações do inconsciente, de onde elas vêm? É preciso guardar constantemente na memória esse problema. Procuraremos respondê-lo na terceira etapa.

3. Representação de palavras e representação de coisas em «O inconsciente»

Nós o observamos suficientemente? Não estamos certos disso. A construção do artigo muito audaciosamente intitulado “O inconsciente” é bastante bizarro. Ele se constitui de sete parágrafos. Os seis primeiros, mais ou menos da mesma extensão, são breves: 29 páginas ao todo, sendo menos de cinco páginas, em média, para cada um. O último é muito mais longo: solenemente intitulado “A identificação⁹ do inconsciente”, comporta sozinho nove páginas, das quais as seis primeiras são consagradas à descrição clínica do caso de esquizofrenia. Essa

⁸ Assim, é por uma manipulação anagramática que Freud faz surgir o nome de seu irmão *Alex(andre)* a partir de *Lasker*, fornecido por AUTODIDASKER, por meio do acréscimo da consoante L (1988, p. 260).

⁹ Freud tomou cuidado em utilizar uma palavra rara de origem latina: *die Agnoszierung*. Sugeriu-se, às vezes, interpretar esse vocábulo no sentido jurídico de « reconhecimento de uma criança » (Le Guern, «Le refoulement», citado por Valon, 2003, p. 53).

estrutura aparentemente desequilibrada se explica pela relação instituída entre os seis primeiro parágrafos e o último:

Eis, tal qual havíamos reagrupado nas discussões precedentes, tudo o que pode ser aproximadamente enunciado sobre o Ics, de maneira que nos contentemos em considerar o que se conhece sobre a vida do sonho e das neuroses de transferência. Certamente, isso não é muito, pois dá a impressão, em certos aspectos, de ser obscura e desconcertante, fazendo-se, sobretudo, lamentar em não ser possível organizar o Ics em um contexto já conhecido ou inseri-lo em uma série. Somente a análise das afecções que nomeamos de psicose narcísica promete nos fornecer concepções graças às quais o enigmático Ics se aproximará de nós e será, por assim dizer, apreensível. (1988, p. 234).

Assim, o último parágrafo, por essas linhas que o inauguram, fornece a chave dos enigmas colocados pelos seis primeiros. Antecipemos: essa chave será constituída pela afecção diferente das representações de palavras e de coisas nos dois domínios do (pré)consciente e do inconsciente. Ao inconsciente, as representações das coisas, sozinhas. Ao (pré)consciente, as representações de coisas e suas relações com as representações de palavras. Vemos a que ponto o problema da linguagem é central na própria colocação da oposição entre (pré)consciente e inconsciente. Veremos, além disso, que essa aceção diferente de dois tipos de representações em dois sistemas se opera a partir do critério dos comportamentos linguageiros dos sujeitos esquizofrênicos: isto é, a que ponto levar em consideração a linguagem é duplamente determinante na construção do primeiro tópico, ainda que, como acabamos de notar desde essa antecipação, o critério intervenha de uma maneira talvez um pouco desconcertante: Lacan o dirá da maneira mais explícita possível, como veremos na quarta etapa.

Os seis primeiro parágrafos do artigo enumeram os paradoxos e as dificuldades que evidenciam a própria colocação do conceito de inconsciente. Sem a menor intenção provocadora –

sabe-se que Freud não se dá a essas provocações -, o autor faz pacientemente o inventário de todos os traços que tornam o conceito do inconsciente difícil de se apreender. Assim, ele se esforça em explicar como um sentimento pode ser inconsciente, em detrimento do caráter “desconcertante” – é a palavra que ele usa – de uma expressão como “consciência de culpabilidade inconsciente” (1988, p. 216). Mais abaixo, ele resume sem concessão “as propriedades particulares do sistema Ics”:

Resumamos: ausência de contradição, processo primário (mobilidade dos investimentos), atemporalidade e substituição da realidade exterior pela realidade psíquica são os caracteres que podemos esperar encontrar no processo pertencente ao sistema Ics (*ibid.*)

Não seria difícil notar o caráter linguageiro de ao menos dois desses quatro caracteres (a não-contradição, geradora da ausência de negação, e a atemporalidade) e talvez de dois outros. Mas não é esse o ponto ao qual nos dedicamos no quadro desse artigo.

Sobrevém, enfim, o último parágrafo. De maneira bastante inesperada, Freud recorre ao exame da esquizofrenia de Bleuler, não entretanto sem precisar – na verdade, um pouco mais abaixo no artigo – que ele apenas a convoca “na medida em que isso nos parece indispensável à tomada de conhecimento geral do Ics” (1988, p.241). De que se trata essa “psiconeurose” na análise que Freud faz depois de Abraham? Dois traços são particularmente distintos em relação às neuroses de transferência¹⁰, e Freud as coloca firmemente:

1. O abandono de todo investimento do objeto;
2. A manifestação consciente de fenômenos que, nas neuroses, aparecem apenas sob o efeito da análise (1988, p. 235).

¹⁰Lembremos que se trata das histerias de angústia e de conversão.

Mas é por uma “via insuspeita” (*ibid.*) que se desenvolve a argumentação: aquela do comportamento linguageiro dos esquizofrênicos:

Nos esquizofrênicos, observam-se, sobretudo, nos estados iniciais tão instrutivos, inúmeras modificações da linguagem, das quais algumas merecem ser consideradas de um ponto de vista determinado (1988, p. 235).

Para caracterizar essas modificações, Freud começa a notar o caráter do modo de expressão dos esquizofrênicos (*ibid.*). Apresentam-se, no entanto, imprecisos os aspectos que tomam esse maneirismo: sem dúvida, é preciso compreender que ele designa, dessa maneira, o efeito produzido pelos procedimentos formais e semânticos evidenciados pelos esquizofrênicos. Os exemplos utilizados por Freud se tornaram célebres: de um lado, a história de “virar os olhos” (1988, p. 236-237) – na qual a relação com o olho tomou a função de substituto de um conteúdo inteiro – de outro lado, fios esgarçados das meias, explicitamente dadas pelo sujeito como “símbolos da abertura sexuada feminina” (1988, p 238-9). Os traços retidos por Freud para a interpretação dessas práticas linguageiras são dois: elas se caracterizam primeiro pelo fato de que “uma relação com os órgãos do corpo ou com as enervações do corpo passa freqüentemente ao primeiro plano” (1998, p.235).

Entretanto, esse primeiro aspecto é dado como menos importante que o segundo, dando lugar às seguintes descrições:

Na esquizofrenia, as palavras estão submetidas ao mesmo processo que, pensamentos do sonho latente, faz as imagens do sonho e que tínhamos chamado de processo primário físico. Elas são condensadas e transferem umas as outras seus investimentos, por deslocamento; o processo pode ir tão longe que uma única palavra, apta ao fato de múltiplas relações, assume a vicariância de toda uma cadeia de pensamentos (1988, p. 237).

A comparação com o sonho deve, porém, ser tomada com prudência. No sonho, é enquanto “coisas” que as “palavras” são submetidas às operações do processo primário: elas foram, na verdade, anteriormente levadas ao estatuto de coisas. Na esquizofrenia, ao contrário, é enquanto “palavras” que elas estão sujeitas ao processo primário: Freud se explica de maneira absolutamente clara sobre esse ponto no “Complemento metapsicológico à doutrina do sonho”:

Nessa última [a esquizofrenia, MA e IV], são as próprias palavras, nas quais era exprimido o pensamento pré-consciente, que se tornam objetos da elaboração pelo processo primário; no sonho, não são as palavras, mas as representações de coisas às quais as palavras foram levadas (1917-1988, p. 252).

Assim, a esquizofrenia confere a predominância em relação à palavra sobre a relação de coisa. Para compreender a “fórmula cínica” pela qual Freud comenta o exemplo do homem com meias, “um buraco é um buraco” (ibid., p. 239). Compreendemos evidentemente que a palavra “buraco” permanece idêntica a ela mesma, quaisquer que sejam as diferenças que separam as “coisas” que ela pode vir a designar¹¹.

É nesse ponto que se opera, de maneira fulgurante, a última etapa do pensamento freudiano. Basta, na verdade, lembrar os dois dados evidenciados no início da argumentação – abandono de investimento do objeto e manifestações conscientes de fenômenos inconscientes – para fazer aparecer, primeiro, um dado específico para a esquizofrenia: se os investimentos de objetos são abandonados, “o investimento das representações de

¹¹ Além disso, Freud parece encontrar – sem o saber – seu contemporâneo Ferdinand de Saussure: para ele também “não há diferença entre o sentido próprio e o sentido figurado das palavras” (2002, p. 72). Seria preciso, porém, se perguntar se a analogia entre as duas reflexões é completa. Para Saussure, a identidade dos sentidos “próprio” e “figurado” se sustenta sobre o fato de que “o sentido das palavras é eminentemente negativo”. Assim também seria para Freud? Podemos duvidar disso.

palavras dos objetos é mantido” (1917-1988, p. 239). Segue-se imediatamente uma conclusão que, ultrapassando o exemplo da esquizofrenia, toma um alcance geral:

O sistema Ics contém os investimentos de coisas dos objetos, os primeiros e verdadeiros investimentos do objeto; o sistema Pcs aparece como uma representação da coisa recoberta pela conexão com as representações de palavras que lhe são correspondentes (1988, p. 240).

Compreendemos que é essa diferença entre as representações inconsciente e pré-consciente que constituem o traço distintivo entre os dois sistemas.

Antes de nos engajarmos em nossa quarta e última etapa, convém acrescentar duas observações, uma de caráter teórico, a outra de caráter histórico.

A observação teórica se refere à aparente discordância entre duas proposições simultaneamente presentes na argumentação de Freud. De um lado, as representações de palavras estão ausentes do inconsciente. Mas, de outro lado, as produções do inconsciente – sonhos, atos falhos, etc. – abundam em palavras. De onde elas vêm? A questão já foi notada no fim da segunda etapa. Freud lhe dá, a respeito do exemplo do sonho, uma resposta fulgurante:

Palavras e falas não são, no conteúdo do sonho, neo-formações, mas formações que retomam falas do dia precedente ao sonho (ou todas outras impressões frescas, igualmente a propósito de coisas lidas) (1917-1988, p. 251).

Assim, as palavras do sonho não são produzidas pelo inconsciente, mas são o resíduo do processo de regressão dos restos diurnos pré-conscientes.

A observação histórica diz respeito ao fato de que Freud, a partir de 1915, parece ter definitivamente se debruçado sobre

esse método de “identificação” do inconsciente: em 1938, em *Esboço de Psicanálise*, ele retoma a “função da linguagem” como geradora da oposição entre processos conscientes e inconscientes (1946-1975, p. 25).

4. Lacan às voltas com «O inconsciente»

Compreendemos facilmente: a exclusão da representação de palavras do inconsciente traz um problema, segundo Lacan, precisamente na medida em que ela parece ir na contramão do postulado fundamental do “inconsciente estruturado como linguagem”. Ele afirma isso explicitamente na passagem de “O inconsciente”, que é analisada abaixo:

Essa passagem [...] parece fazer objeção ao destaque que dou à articulação significativa, atribuindo-lhe a verdadeira estrutura do inconsciente. [Ela] parece ir contra isso, opondo a *Sachvorstellung* [representação de coisa] como pertencente ao inconsciente, à *Wortvorstellung*, como pertencente ao pré-consciente (*Séminaire VII, L'éthique de la psychanalyse*, [1959-1960], 1986, p. 56).

Sentimos no estilo de Lacan o embaraço no qual a posição de Freud o coloca, ao apresentar dela uma leitura perfeitamente pertinente: observaremos a atenção repetitiva dada a “parecer” (por meio de três verbos: parecer, lembrar, assemelhar-se). Esse é um dos modos freqüentes da argumentação lacaniana quando ele quer recuperar, ao menos parcialmente, a posição criticada. Resta naturalmente o conteúdo que é preciso dar a esse ensaio de recuperação. Lacan procede em dois tempos. Ele começa pensando em torno da diferença entre os dois nomes alemães da coisa: *das Ding* e *die Sache*. Seria preciso, certamente, estudar em detalhe essa repartição dos dois termos no texto freudiano: trabalho filológico delicado e que ultrapassa os limites de um artigo. Não é, contudo, impossível que as interpretações de Lacan sejam talvez um tanto aventureiras.

O essencial, na verdade, não está nesse ponto. No segundo momento de sua argumentação, Lacan remete o leitor de “O inconsciente” – ele se acredita tão surpreso quanto ele – ao texto que o precede na “Metapsicologia”: o artigo sobre “Recalcamento ou repressão” (1915a-1988). Ele formula, portanto, muito firmemente, a seguinte observação:

Tudo o que precede me parece apenas poder ir em um único sentido, isto é, que tudo sobre o que opera a *Verdrängung* [o recalcamento, MA e VL] são significantes. É em torno de uma relação do sujeito com o significante que se organiza a posição fundamental do recalcamento (1915a-1988, p. 57).

É preciso dizê-lo? Estamos aqui na presença dos problemas mais difíceis da reflexão de Lacan em sua articulação com aquela de Freud: é legítimo colocar que o objeto do recalcamento é o significante? Ou seja, o objeto exclusivamente definido como “o que representa o sujeito por um outro significante¹²”? Não nos surpreenderíamos em ver os dois modestos lingüistas que ousam essas observações se esquivarem do problema – que escapa à competência deles, supondo, aliás, que ele coloca em relevo a competência de tal ou tal... Eles se contentarão em notar que, se a análise de Lacan é exata, ela tem como resultado imediato tornar totalmente inoportuna a surpresa do leitor – inclusive esse leitor privilegiado que foi Lacan – diante do gesto operado por Freud em “O inconsciente”, pois é verdadeiro o fato de que ele exclui as “representações de palavras” do inconsciente. Mas o significante não se confunde com essas “representações de palavras”. Dito de outra maneira, a contradição entre as duas concepções é apenas aparente. Na verdade, Lacan quase o diz, embora de maneira um pouco indireta e talvez sem marcar de maneira suficientemente explícita a distinção que estabeleceria entre *representação de palavra* e *significante*:

¹² Uma das análises mais pertinentes dessa definição é aquela de Marjolaine Hatzfeld (2001).

[...] ao dar a solução que ele parece propor, opondo a *Wortvorstellung* à *Sachvorstellung*, há uma dificuldade, um impasse, que o próprio Freud sublinha e que se explica pelo estado da lingüística em sua época. Ele compreendeu, entretanto, admiravelmente, e formulou a distinção entre a operação da linguagem como função - a saber, no momento em que ela se articula e desempenha, efetivamente, um jogo essencial no pré-consciente - e a estrutura da linguagem, segundo a qual se ordenam os elementos colocados em jogo no inconsciente (1988, p. 57).

Percebemos que as representações de palavras intervêm na “operação da linguagem” – arrisquemo-nos: na “enunciação”, isto é, a enunciação consciente, aquela que tem por sujeito o “eu”. Não há motivo para se surpreender pelo fato de elas estarem ausentes do inconsciente, que estrutura seus elementos – os significantes – sobre o modelo de uma linguagem. Mas esses elementos não são necessariamente palavras, elas o são somente raramente: é preciso e suficiente, para que elas acedam ao estatuto de significante, que elas estejam unidas por relações do tipo daquelas que funcionam na linguagem. Não há, portanto, nenhuma incompatibilidade, sobre esse ponto, entre o ensino de Freud e aquele de Lacan. É o que não viram – ou não quiseram ver? – André Green e Alain Costes, entre muitos outros.

Resta saber se nessa linguagem não há também uma enunciação: “o inconsciente fala”, como disse Lacan em *Télévision* (1973, p. 16). Mas naquela enunciação o sujeito não é mais o “eu” do discurso. É o sujeito do inconsciente. Restaria perguntar como fala esse sujeito. Isso nos faria recair em um outro problema, mais complicado ainda, ao ponto de nos conduzir não a uma próxima comunicação, mas a uma interminável meditação...

Bibliografia

ARRIVE, Michel. *Linguistique et psychanalyse: Freud, Saussure, Hjelmslev, Lacan et les autres*. Paris: Méridiens-Klincksieck, 1986.

_____. *Lingüística e Psicanálise. Freud, Saussure, Hjelmslev, Lacan e os outros*. São Paulo: EDUSP, 1994a.

_____. *Langage et psychanalyse, linguistique et inconscient*. Paris: PUF, 1994b.

_____. *Linguagem e psicanálise, lingüística e inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

_____. Qu'en est il de l'autonymie chez Freud?. In: *Parler des mots. Le fait autonymique en discours*, (Textes réunis par Jacqueline Authier-Revuz, Marianne Doury, Sandrine Reboul-Touré). Paris: Presses de la Sorbonne Nouvelle, 2003.

_____. *Lingüística y psicoanálisis*. Mexico: Siglo XXI et Puebla, Benemerita Universidad, 2001.

_____. Freud e a autonomia. In: SCHÄFFER, Margareth, FLORES, Valdir do Nascimento, BARBISAN, Leci Borges (Orgs.). *Aventuras do sentido: psicanálise e lingüística*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002, p. 13 - 33.

_____. et NORMAND, Claudine (éditeurs). *Linguistique et psychanalyse*. Paris, PUF, 2001.

COSTES, Alain. *Lacan: le fourvoisement linguistique. La métaphore introuvable*. Paris: PUF, 2003.

FREUD, Sigmund. *Contribution à la conception des aphasies*. Paris: PUF, 1891-1983.

_____. Notice autobiographique. In: *Œuvres complètes*, III. Paris: PUF, 1899-1989.

_____. *L'interprétation des rêves*. Paris: PUF, 1900-1967.

_____. *Psychopathologie de la vie quotidienn*. Paris: Payot, 1901-1922.

_____. *Le mot d'esprit dans sa relation à l'inconscient*. Paris: Gallimard, 1905-1988.

_____. Le refoulement. In: *Œuvres complètes*, XIII. Paris: PUF, 1915 a-1988, p. 189-201.

_____. L'inconscient. In: *Œuvres complètes*, XIII. Paris: PUF, 1915 b-1988, p. 205-242.

_____. Complément métapsychologique à la doctrine du rêve. In: *Œuvres complètes*, XIII. Paris: PUF, 1917-1988, p. 245-258.

_____. *Abrégé de psychanalyse*. Paris: PUF, 1946-1975.

GANDON, Francis. *De dangereux édifices: Saussure lecteur de Lucrèce. Les cahiers d'anagrammes consacrés au De rerum natura*. Louvain: Peeters, 2002.

GREEN, André. *Idées directrices pour une psychanalyse contemporaine*. Paris: PUF, 2002.

_____. Linguistique de la parole et psychisme non conscient. In: *L'Herne, Saussure*. Paris, PUF, 2003, p. 272-284.

HATZFELD, Marjolaine. Le signifiant est ce qui représente un sujet pour un autre signifiant. In: ARRIVE, M. et NORMAND, Claudine (éditeurs). *Linguistique et psychanalyse*. Paris, PUF, 2001.

KRISTEVA, Julia. Les métamorphoses du "langage" dans la découverte freudienne (Les modèles freudiens du langage). In: *Sens et non-sens de la révolte : pouvoirs et limites de la psychanalyse I*. Paris: Ed.Fayard, Coll.Biblio Essais, 1996, p. 51-98.

LACAN, Jacques. *Televisión*. Paris: Le Seuil, 1973.

_____. *Le séminaire, Livre III, Les psychoses, 1955-1956*. Paris: Le Seuil, 1981.

_____. *Le Séminaire, Livre VII, L'éthique de la psychanalyse, 1959-1960*. Paris: Le Seuil, 1986.

_____. *Le Séminaire, Livre V, Les formations de l'inconscient, 1957-*

1958. Paris: Le Seuil, 1998.

LAPLANCHE, Jean et PONTALIS, Jean-Bertrand. *Vocabulaire de la psychanalyse*. Paris: PUF, 1971

NASSIF, Jacques. *freud l'inconscient* (sic). Paris: Galilée, 1977.

ROUDINESCO, Élisabeth et PLON, Michel. *Dictionnaire de psychanalyse*. Paris: Fayard, 1997.

SAUSSURE, Ferdinand. *Cours de linguistique générale*. Paris: Payot, 1916-1972.

_____. *Écrits de linguistique générale*. Paris : publiés par Rudolf Engler et Simon Bouquet, 2002.

STAROBINSKI, Jean. *Les mots sous les mots: les anagrammes de Ferdinand de Saussure*. Paris: Gallimard, 1971.

VILELA, Izabel. Saussure pro. In: *Cahiers Ferdinand de Saussure*, 51. Paris: Droz, 1998, p. 251-273.

_____. Saussure versus Lacan: linguagem, discursos patológicos e formações do inconsciente. *Signótica* n. 11, pp. 75-106. Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Faculdade de Letras - Universidade Federal de Goiás (UFG). Goiânia : Editora UFG, 1999.

_____. Retour aux origines saussuriennes du signifiant lacanien. In: ARRIVE, M. et NORMAND, Claudine (éditeurs). *Linguistique et psychanalyse*. Paris : PUF, 2001.

VALON, Philippe. L'improbabilité de l'inconscient. In: *Le théâtre des mots*. Paris : PUF, 2003, p. 43-57.